

DO OTIMISMO A TRAGÉDIA: A MEMÓRIA DAS DERROTAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA EM 1982

FROM OPTIMISM TO TRAGEDY: THE MEMORY OF THE BRAZILIAN NATIONAL TEAM DEFEAT IN 1982

BRUNA FERRAZ BARENCO*

Resumo: As derrotas fazem parte do esporte, mas no caso da seleção brasileira, estão diretamente ligadas à identidade e aos sentimentos nacionais, em especial durante a Copa do Mundo. Enquanto outros esportes mobilizam o patriotismo na vitória, o futebol é ponto central do nacionalismo brasileiro, e independentemente do resultado em campo, sendo utilizado como um elemento que explica o que faz do Brasil diferente dos demais. Sendo assim, o presente artigo pretende analisar o impacto e a memória da derrota brasileira na Copa do Mundo de 1982, quarenta anos depois.

Palavras-chave: futebol; seleção brasileira; memória

Abstract: Losing is a primary part of sport, but in the case of the Brazilian football team, the defeats are connected with the national identity, specially in the event of the World Cup. While other sports mobilize with victories, football is a central point of Brazilian's nationalism, being used as an element that explains what makes the national identity of Brazil, either when the team wins or loses. With that, the present work intends to analyze the viewing and memory of the Brazilian defeat in the 1982 World Cup, forty years later.

Keywords: football; Brazil national team; memory

Introdução

O futebol no Brasil se transformou em um dos principais campos de construção da identidade nacional e expressão do nacionalismo,¹ com destaque para o impacto da cerimônia quadrienal da Copa do Mundo. Presente em todas as edições da competição e cinco vezes campeã, ocupando o lugar de seleção mais vitoriosa do esporte, a seleção brasileira de futebol sempre carrega a expectativa de disputar o título quando chega para mais um mundial, após se tornar a maior campeã da Copa do Mundo com o pentacampeonato em 2002. Mas apesar das cinco estrelas, o esporte reserva muito mais derrotas do que vitórias até mesmo no país mais vencedor da categoria.

* Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense.

¹ ALABARCES, P. *Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol*. p. 9-29, 2003.

Uma das características mais marcantes na relação do futebol com a identidade nacional brasileira é que o esporte tem impacto social e na compreensão do que é ser brasileiro independentemente de o resultado em campo ser positivo ou não. Enquanto outros esportes podem criar ídolos e torcida em condições favoráveis, como acontece em modalidades dos Jogos Olímpicos, por exemplo, o futebol é uma constante na construção do que é ser brasileiro, firmando narrativas de heróis e vilões seja com vitórias ou derrotas em campo.² As marcas da derrota são tão parte da identidade brasileira quanto as marcas dos êxitos esportivos. O futebol nacional se posiciona em lugar além do esportivo, sendo fundamental para se entender o “que faz do Brasil. Brasil”.³

É nas derrotas que a minha pesquisa e este presente artigo, se debruçam. Mais comuns do que o sucesso esportivo, as derrotas podem ser traumáticas ou não, mas independente disso, evocam sempre narrativas parecidas em relação à criação de heróis e vilões, escolhidos como culpados do resultado adverso em campo. A narrativa das derrotas brasileiras em mundiais é construída com ampla participação da imprensa,⁴ seja na vitória ou na derrota. Para o trabalho proposto, o objetivo é pensar na derrota brasileira na Copa do Mundo de 1982, que ficou conhecida como tragédia do Sarriá.

O trabalho é construído com base na análise de fontes jornalísticas, sendo possível por meio destas retomar a expectativa em relação à performance brasileira na Copa do Mundo de 1982, assim como podemos perceber como foi a recepção da derrota para a Itália no Sarriá. O papel da mídia esportiva é consideravelmente relevante para a construção de significados e sua circulação, de forma que Le Goff aponta para a importância da mídia na criação de uma memória coletiva,⁵ trabalhando a narrativa sobre o que será lembrado e o que será esquecido.⁶

Trabalhar com fontes jornalísticas exige entender o discurso, sua produção e qual é o público-alvo. No caso de Copas do Mundo, a narrativa esportiva precisa abranger desde o fanático por futebol quanto o torcedor casual que acompanha a cada quatro anos. Dessa forma,

² GUEDES, Simoni Lahud. "O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspensão” e história." **XXIII Reunião Brasileira de Antropologia**. Gramado, Associação Brasileira de Antropologia, 2002.

³ DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

⁴ COSTA, Leda. *Hermenêutica da derrota*. Imprensa esportiva e seleção brasileira nas Copas do Mundo. **NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade**. 2010.

⁵ LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Unicamp, 1990

⁶ POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio." **Revista estudos históricos** 2.3 (1989): 3-15.

a narrativa quadrienal da Copa do Mundo aciona seu próprio arsenal de memórias, muitas vezes voltando aos mundiais anteriores para se referenciar.⁷

É nesse cenário que podemos pensar a construção da memória da seleção brasileira em 1982, entrelaçando-se com as narrativas de mundiais passados, assim como se relacionando com o contexto sociopolítico brasileiro no início da década de 1980. A seleção de 1982 se localiza em um período histórico que vem sendo cada vez mais estudado, durante o processo de transição política brasileira, que viria mexer em diversas esferas da sociedade brasileira, entre o otimismo e a incerteza que marcaram o período.⁸

Futebol-arte e identidade

Como apontado por Guedes,⁹ a Copa do Mundo pode ser entendida como um evento que acontece em um tempo suspenso, com rituais nacionais revisitados a cada quatro anos, quando o torneio é realizado novamente. Dessa forma, se a Copa do Mundo é tempo suspenso, então podemos pensar que a cada quatro anos com o advento de um novo mundial, são retomadas as edições anteriores, com suas glórias e fracassos sendo lembrados, uma vez que esse tempo suspenso não está deslocado da história.¹⁰ Durante toda edição de Copa do Mundo, ressurgem análises do passado, dialogando com as questões sociopolíticas do presente, assim como as avaliações do desempenho brasileiro na presente edição estão sempre relacionadas com a conjuntura em que se insere.

Ao contrário das vitórias, que exaltam o patriotismo e “o melhor” de um povo, as derrotas oferecem espaços para se pensar como essa identidade é entendida em momentos de adversidade. Utilizando o conceito de Anderson¹¹, de nação como comunidades imaginadas, o futebol se torna um fator que atribui características em comum em uma sociedade, reduzindo as desigualdades naquele espaço e criando uma comunidade. Guedes¹² indica que, no Brasil, essa noção de identidade nacional é evocada de forma recorrente durante as Copas do Mundo,

⁷ AMARO, Fausto. Copa de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

⁸ QUADRAT, Samantha. Introdução. **Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

⁹ GUEDES, Simoni Lahud. *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹² GUEDES, Simoni Lahud. *Ibidem*.

sendo um dos principais veículos para a reprodução de discursos sobre nação e identidade nacional.

O que é entendido aqui como identidade brasileira retoma as iniciativas do movimento modernista em 1922, e no caso coloca o futebol muito em pauta na questão da brasilidade¹³ a partir do terceiro lugar conquistado na Copa do Mundo de 1938. O surgimento de uma ideia de identidade brasileira teria papel fundamental na criação de uma expressão dessa suposta identidade brasileira no futebol, incluindo a discussão racial presente nessa identidade, ainda que superada pela academia hoje, pois foi um dos pilares que construíram a identidade brasileira no início do século XX.

Nesse sentido, Gilberto Freyre e Mário Filho foram importantes nomes para consolidar a ideia de uma identidade brasileira de jogar futebol, que retoma características como espontaneidade e talento como diferenciais do estilo brasileiro de jogar. Enquanto a obra de Freyre se debruça por diversas esferas da sociedade brasileira, sendo seus escritos sobre futebol uma pequena parcela de seu trabalho sobre identidade brasileira e brasilidade, Mário Filho foi um importante nome na imprensa esportiva brasileira, especialmente a carioca. Com seu *Jornal dos Sports*, Mário Filho foi fundamental para estabelecer tradições do futebol brasileiro, e contribuir para a ideia de brasilidade no esporte.¹⁴ Sobre essas definições, Alabarces indica:

“A tentação – mais de uma vez percorrida – é então explicar as características do futebol brasileiro a partir desse traço étnico, e isso pressupõe um debate árduo. (...) não existe nenhum inatismo que explique certo tipo ou “estilo” de jogo, mas sim uma série de escolhas produzidas em contextos muito específicos e exclusivos que são logo transformadas em “discurso de identidade” (...)”¹⁵

A partir dessas definições iniciais, é construída não só a imagem mitológica do “país do futebol”, mas também do futebol-arte.¹⁶ Entender essa identidade brasileira no futebol é fundamental para se pensar os impactos da derrota do selecionado nacional em campo.

Durante a década de 1980 no Brasil, a revista *Placar*, publicada pela editora Abril, constituiu uma das principais publicações esportivas do país. Devido à sua relevância, é a

¹³ COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1930-1955)**. 2013. 196 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1453.pdf>.

¹⁴ Haag, Fernanda Ribeiro. "Mário Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro." *Esporte e Sociedade*, n.23, 2021.

¹⁵ ALABARCES, Pablo. **História Mínima do Futebol na América Latina**. São Paulo, Ludopédio. 2022.

¹⁶ Helal, R. G., & Mostaro, F. . (2018). Foot-ball Mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. *Alceu*, 18(37), p. 16–35.

principal fonte analisada. Em 1982, a revista era editorada pelo jornalista Juca Kfourri, e possuía uma disposição de trazer opiniões e análises que relacionavam futebol e política. Quando se fala da seleção brasileira de 1982 a questão política deve ser destacada. No período, o Brasil passava pelo anunciado processo de transição política da ditadura, iniciada em 1979, com a lei n. 6.683, que ficou conhecida como lei da Anistia. Embora não exista consenso na historiografia da ditadura sobre a transição política brasileira, adotamos o recorte de pensá-la a partir da lei da Anistia em 1979, baseando-se no artigo de Cancelli que aborda o trabalho do *Latin American Program of the Woodrow Wilson International Center for Scholars*, grupo criado no alvorecer das transições europeias e americanas no final do século XX para investigar a busca para o retorno à democracia.¹⁷ Nesse ambiente político, no Brasil, a definição de otimismo descrita por Fico, como inventada pela ditadura militar brasileira,¹⁸ pode ser aqui retomada de uma nova maneira: um otimismo, dessa vez, construído na expectativa da transição política.

O futebol não ficou alheio a esse otimismo. Pelo contrário, também foi combustível para que crescesse, com o esporte refletindo a política.¹⁹ As boas performances da seleção brasileira a partir da chegada de Telê Santana em 1980, e posteriormente a campanha na Copa do Mundo de 1982, que se tornou um momento de recuperação dos símbolos nacionais. É nesse cenário de otimismo e esperança que se encaixa a derrota brasileira em campo no dia 5 de julho de 1982.

“Que pena, Brasil”²⁰

Essa foi a frase escolhida pela Placar,²¹ a principal revista esportiva do país, para a primeira edição após a derrota brasileira no Sarriá. A mensagem era completa com uma imagem do jogo, jogadores de Brasil e Itália no quadro, envolvidos por uma moldura preta. A frase pode ser vista como uma definição do sentimento que dominou a reação da mídia esportiva frente à derrota na Espanha, quando a euforia e a confiança no título brasileiro eram tão fortes.

¹⁷ CANCELLI, Elizabeth. "Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy" **Revista de História**; São Paulo, 2021.

¹⁸ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

¹⁹ SANTOS, Daniel de Araújo, Lívia Gonçalves Magalhães. Década da esperança ou década perdida? A reestruturação do futebol brasileiro nos anos 80. QUADRAT, Samantha. **Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

²⁰ **Placar**, 09 de julho de 1982. Edição n° 633.

²¹ Disponível em <https://placar.com.br/>. Último acesso: 15 de oct 2023.

Para entender o impacto das derrotas brasileiras em Copas do Mundo, faz-se necessário retomar as derrotas anteriores. Costa considera o Maracanazo, em 1950, como “a mãe” das narrativas das derrotas brasileiras em mundiais,²² já que a experiência de perder a Copa em casa, por 2x1, contra o rival sul-americano Uruguai, rendeu ao Brasil a primeira oportunidade de formular a pergunta de por que a seleção perdeu. A vitória parecia quase certa na expectativa dos analistas da época, principalmente após a goleada sobre a Espanha,²³ mas acabou escapando em pleno Maracanã, estádio construído para sediar o Mundial e na época o maior estádio de futebol do mundo. A derrota no Maracanazo não era apenas esportiva, mas colocava em questão a identidade brasileira em construção por meio do futebol.²⁴

O que se seguiu, nos anos seguintes, foi uma retomada dessa narrativa inicial da derrota a cada eliminação do Brasil na Copa do Mundo – ainda que nem toda derrota fosse encaixada na categoria de trauma do futebol brasileiro, o tratamento era semelhante, ao procurar os culpados que levaram à eliminação do selecionado nacional. Mesmo nas vitórias em 1958, 1962 e 1970, que alcançaram um tricampeonato inédito no futebol mundial, o peso da derrota seguiu. Ao contrário, o sucesso em campo da seleção tornou a decepção da derrota ainda mais dolorosas, uma vez estabelecida a identidade de “país do futebol”, após as conquistas de Copa do Mundo, entre 1958 e 1970. Assim como a vitória, a derrota tem seu significado amplificado pelos contextos do futebol brasileiro, e se tornou um filtro para o desempenho da seleção, sendo amplificadas de tal forma que se tornam uma caça às bruxas em investigações e interpretações sobre os culpados do fracasso.²⁵

Entender esse processo é fundamental para pensar a tragédia do Sarriá, como ficou conhecida a partida entre Brasil e Itália em 1982, que culminou na eliminação da seleção brasileira. Para isso, também é preciso retomar ainda mais o contexto em que o Brasil chegava para jogar a Copa do Mundo da Espanha, em 1982.

O início dos anos 1980, ao contrário da descrição economicista que marcou o período como década perdida, foi marcado pelo otimismo.²⁶ Esse otimismo era consequência do anúncio da abertura política, que veio acompanhada da lei da Anistia em 1979, e a chegada de

²² COSTA, Leda. Hermenêutica da derrota. Imprensa esportiva e seleção brasileira nas Copas do Mundo. **NEPES** – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade. 2010.

²³ **Globo Sportivo**, 30 de junho de 1950.

²⁴ GUEDES, Simoni Lahud. "Que povo brasileiro no campo de futebol?" Razón y Palabra: Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación. (2009).

²⁵ COSTA, Leda. *Ibidem*.

²⁶ QUADRAT, Samantha. *Ibidem*.

João Figueiredo à presidência, no lugar de Geisel. Era um novo otimismo, diferente do que marcou os “anos de ouro” da ditadura brasileira, entre 1968 e 1973, ligados ao milagre econômico, mesmo período que constitui os anos de chumbo da repressão²⁷. No campo esportivo, os anos 1970 começaram com o tricampeonato, mas terminaram com performances decepcionantes da seleção brasileira, atribuídas pela imprensa como consequência da militarização da seleção brasileira, que teria perdido a identidade nacional do futebol arte durante esse período.²⁸

A eliminação na Copa do Mundo de 1978, na Argentina, pode ser vista como o momento em que o futebol brasileiro começa a passar por uma mudança, na tentativa de retomar o futebol-arte. A CBD (Confederação Brasileira de Desportos) foi substituída pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 1979, uma reforma não apenas institucional, mas política²⁹. O novo presidente da CBF, o dirigente Giulite Coutinho,³⁰ rapidamente anunciou Telê Santana, em 1980, como novo técnico da seleção brasileira, que pela primeira vez contaria com um comandante de dedicação exclusiva. Era a tentativa de criar um melhor momento para o futebol brasileiro, que enfrentava crises também entre os clubes, com o campeonato brasileiro inchado e desvalorizado, após a aplicação da máxima “onde a Arena vai mal, mais um time no nacional” durante a ditadura militar.

A intersecção entre a retomada do bom momento do futebol brasileiro e do otimismo em relação à abertura política criou um ambiente favorável para que a confiança no futebol brasileiro fosse retomada. Um dos aspectos mais importantes na discussão sobre o Brasil na Copa do Mundo de 1982 passa pelo que Guedes denominou “sequestro do verde e amarelo”, que acontece quando os símbolos nacionais, como bandeira, hino e cores, são usurpados por um regime político, e acabam associados a ele.³¹

²⁷ CORDEIRO, Janaina Martins. "Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici." **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 2009. p. 85-104.

²⁸ O conceito de futebol-arte não tem uma definição acadêmica específica, mas em geral é compreendido como parte da identidade brasileira de praticar futebol, as características que tornam a seleção canarinho diferente das demais. As discussões sobre a definição do conceito ainda se encontram em estágios embrionários, destacam-se trabalhos como de Mostaro (2017) e Massarani (2018).

²⁹ SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da Nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

³⁰ Coutinho foi dirigente do América, e escolhido para substituir o general Heleno Nunes como presidente da Confederação Brasileira de Futebol.

³¹ GUEDES, S.; SILVA, E. M. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, v. Vol. 3, p. 73-89, 2019.

Nesse sentido, um dos momentos mais marcantes de sequestro do verde e amarelo, como apontado por Guedes, foi durante a última ditadura militar brasileira, entre 1964 e 1989.³² A forte propaganda política exercida pela ditadura militar associou fortemente os símbolos nacionais ao governo ditatorial,³³ ainda que os casos de desrespeito à bandeira não tivessem aumentado exponencialmente,³⁴ mostrando que na prática a nova lei de 1971 não era tão rigorosa quanto parecia.³⁵ A aproximação feita entre o governo de Médici, nos anos de chumbo, com o tricampeonato conquistado pelo Brasil no México em 1970, também firmou essa relação do futebol com símbolos nacionais e associado com a ditadura.

Em 1982, o momento da Copa do Mundo se tornou propício para a recuperação desses símbolos nacionais. Se o futebol terminou em crise nos anos 1970, a seleção iniciou o ciclo da década de 1980 com um otimismo maior. A retomada popular dos símbolos nacionais nos 1980 pode ser localizada na euforia para a Copa do Mundo de 1982. Esse movimento posteriormente seria fundamental para a construção da campanha das Diretas Já, em 1984, na busca pela aprovação da emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas para presidente no ano seguinte. As ruas pintadas são populares por origem, definindo a Copa do Mundo como “maior alegria do brasileiro”.³⁶ O movimento da Democracia Corinthiana, até hoje considerado o maior movimento político do futebol brasileiro, não deixa negar a relação do futebol com as mudanças políticas do país.³⁷ Sócrates, além de um dos principais nomes da Democracia Corinthiana, era também o capitão brasileiro em 1982.

A seleção comandada por Telê Santana fez boa campanha nas eliminatórias, além de chegar à final do Mundialito,³⁸ principalmente, ter recuperado o futebol-arte, tão importante para a torcida brasileira. Os últimos amistosos antes da Copa do Mundo, que contaram com boa performance da seleção, colocaram o Brasil como um dos favoritos para conquistar a taça do mundial da Espanha. Na revista Placar, o editor Juca Kfourri resumia as expectativas, afirmando

³² *Ibidem.*

³³ FICO, Carlos. *Ibidem.*

³⁴ SILVA, A.R. . Ultraje à bandeira e a lógica punitiva na ditadura militar em processos criminais no site Brasil: Nunca Mais Digital. *Aedos*, v. 13, n. 30, p. 199-216, jan/jun., 2022.

³⁵ BRASIL. Lei nº 5.700 de 1º de setembro de 1971, que “dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais.”

³⁶ **Manchete**. Edição 1576.

³⁷ FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: Ludopédio, 2021.

³⁸ Competição realizada no Uruguai em homenagem a primeira edição da Copa do Mundo, em 1930. O Brasil jogou a final contra o próprio Uruguai, e apesar de ter perdido, a campanha e o futebol bonito exibido pelo time brasileiro foram bastante valorizados na imprensa. Para mais informações, ver Magalhães (2019).

que “O clima é de festa, de otimismo, de confiança. (...) A Seleção tem tudo e deve trazer o tetra”.³⁹

Para a Copa do Mundo, o Brasil foi sorteado como cabeça de chave do grupo 6, que contava ainda com União Soviética, Nova Zelândia e Escócia. A campanha na fase de grupos foi promissora, com três vitórias e apenas dois gols sofridos. A segunda fase da competição começa com dois triangulares definidos, colocando o Brasil contra Argentina e Itália. A Argentina, que defendia o título conquistado em 1978, era vista como o principal adversário, e acabou derrotada pela seleção brasileira por 3x1. Também na revista Placar, a forma de jogar do Brasil é exaltada, comemorando a volta do futebol-arte:

“Ausente nas Copas de 1974 e 1978, o jeitinho brasileiro de jogar está de volta. As plateias deliram com nossos gols bem trabalhados. Mas antes deles, deliciam-se com a elegância e a suavidade dos gestos no momento de controlar, conduzir e passar a bola. Depois de três partidas, os craques de Telê já são os campeões da arte.”⁴⁰

A recuperação do futebol-arte era considerada parte importante da confiança na chance de título brasileiro, apontando Telê Santana como o nome que recuperou a forma brasileira de jogar.⁴¹ Mais do que um estilo de jogo, era uma representação da identidade nacional brasileira em campo, tendo sido um conceito construído sobre características que diferenciavam o nosso futebol dos demais, ganhando um contorno de marcador identitário, principalmente quando comparado com outros estilos de jogo, como o futebol-força europeu ou a “la nuestra” argentina.⁴² É com base nessa alteridade que se solidifica a identidade do futebol nacional, e no caso brasileiro, o futebol-arte é o que coloca a seleção canarinho em destaque contra as demais.

Na segunda fase do mundial de 1982, a seleção brasileira chegou à partida decisiva precisando apenas de um empate no confronto contra a Itália para garantir a classificação. A Azzura não vinha em boa fase no Mundial, tendo passado de fase na Copa do Mundo com três empates na fase de grupos, e por isso após vencer a Argentina por 2x1, precisava de uma vitória contra o Brasil para se classificar.⁴³ No Sarriá, estádio localizado nos arredores de Barcelona, no dia 05 de junho de 1982, Brasil e Itália se enfrentaram, com vitória dos italianos por 3x2. O

³⁹ **Placar**, 26 de maio 1982. N. 627.

⁴⁰ **Placar**, 2 de julho de 1982. Edição 632.

⁴¹ **Manchete**, 25 de julho de 1981. Edição 1527.

⁴² NADEL, J. La Nuestra y futebol-arte (...) **Fútbol**: Why Soccer Matters in Latin America. University Press of Florida. 2014. p. 1-300.

⁴³ 1982 FIFA World Cup Spain™. FIFA. Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/mens/worldcup/1982spain>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Brasil se viu eliminado da competição, adiando mais uma vez o sonho do tetracampeonato, que só seria conquistado vinte e quatro anos depois do tricampeonato, em 1994.

Retomando o apontamento de Guedes sobre como o futebol tem também nas derrotas um caráter formativo de identidade,⁴⁴ podemos considerar que a queda brasileira em Sarriá é um trauma do futebol nacional, entrando na galeria de derrotas que parecem nunca passar, assim como o Maracanazo em 1950 e, mais recentemente, o 7x1 contra a Alemanha. No caso de 1982, a derrota em campo seguiu um caminho diferente do que é comum nas narrativas de derrotas do futebol brasileiro. Como apontado por Costa, ao invés de um processo de culpabilização por parte da imprensa, elegendo um culpado pelo fracasso esportivo, a eliminação do mundial é entendida como uma tragédia.⁴⁵

No lugar do erro, lágrimas e compaixão são as imagens escolhidas para representar o sentimento da eliminação brasileira, em uma derrota que era vista não só como uma derrota da seleção, mas uma derrota do Brasil e do futebol-arte. Como apontado por Costa:

“As lágrimas de 1982 foram representadas como derivadas de um sentimento de compaixão em relação a uma geração tomada como singular na história do futebol nacional. O dia 5 de julho de 1982 entrou para a história como o dia em que heróis sofreram uma queda, considerada por alguns algo difícil de explicar e, por muitos, injusta.”⁴⁶

Quando se fala da memória coletiva da derrota, os veículos de imprensa são os principais lugares em que essa memória pode ser construída.⁴⁷ A repercussão do resultado de uma partida de futebol começa imediatamente depois da partida, entrando em pauta nas edições logo em seguida ao apito final. Os principais veículos de imprensa, especializados em esporte ou não, repercutem imediatamente o resultado apresentado em campo, e dessa forma exercem influência na construção da memória e do significado.

Na revista *Placar*, quatro dias após a derrota brasileira, a eliminação da seleção foi, sem surpresas, o principal assunto da edição. Kfoury abre a nota do editor com a frase “A triste sina de um punhado de heróis”,⁴⁸ e elabora:

“(...) tristeza é óbvia. O melhor futebol desta má Copa da Espanha não está, sequer, nas semifinais. A tristeza é amarga. Uma maravilhosa concepção de futebol perdeu, num jogo, talvez, todo o seu futuro. (...) Não é hora de críticas. O trabalho

⁴⁴ GUEDES, Simoni Lahub. A dádiva e os diálogos identitários através das Copas do Mundo no Brasil. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Orgs.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

⁴⁵ COSTA, Leda. “1982: lágrimas de uma geração de ouro”. In: Helal, Ronaldo; CABO, Álvaro do (Orgs.); **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 314 p.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares.” Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História** 10 (1993).

⁴⁸ **Placar**, 09 de julho de 1982. Edição nº 633.

desenvolvido pelos responsáveis pela Seleção foi praticamente perfeito do começo ao fim. É hora, sim, de lamentar, de blasfemar, de, numa palavra, chorar esta tragédia esportiva.”⁴⁹

A capa da revista exibia uma imagem de fundo preto, acompanhada do o título “Que pena, Brasil”,⁵⁰ e no canto inferior uma imagem do jogo destacando os jogadores italianos em primeiro plano e representando os brasileiros com as mãos na cabeça, em gesto de incredulidade. A imagem era uma tentativa de resumir o sentimento coletivo da eliminação não esperada, com destaque para os italianos comemorando o terceiro gol de Paolo Rossi, enquanto os jogadores brasileiros aparecem incrédulos no fundo da imagem.

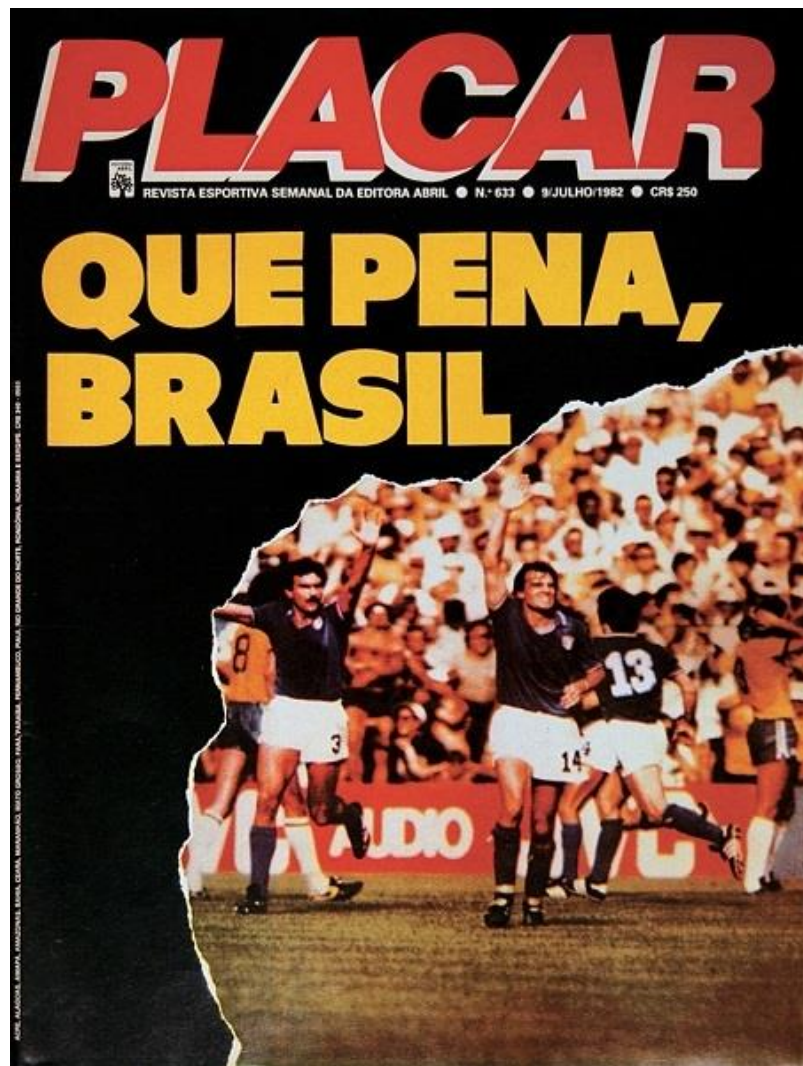


Figura 1: Capa da revista Placar, 1982.

⁴⁹ *Ibidem.*

⁵⁰ *Ibidem.*

Na reportagem sobre o jogo, acompanhada da manchete “Tragédia em Barcelona”, o jornalista Carlos Magalhães admite que “escreveu com lágrimas nos olhos” e lamenta a derrota do futebol-espetáculo, expondo que o Brasil, apesar de jogar bonito, não era imbatível em campo.⁵¹ O autor também relatava que jornalistas brasileiros e italianos se perguntavam por que o Brasil perdeu naquela noite, exaltando o marco dramático da queda de uma seleção brasileira favorita para o azarão time italiano, que vinha fazendo uma campanha medíocre na Copa até então.⁵²

Na capa do *Jornal da Tarde*, que se torna ícone⁵³ da representação da tragédia do Sarriá, em foto de Reginaldo Manente que ganhou o prêmio Esso, a derrota brasileira é resumida na imagem de um menino com a camisa do Brasil, peito erguido e retratado em lágrimas, com um único acompanhamento: “Barcelona, 5 de julho de 1982”.⁵⁴

⁵¹ *Ibidem.*

⁵² *Ibidem.*

⁵³ MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, 2014.

⁵⁴ **Jornal da Tarde**. 06 de julho de 1982. Ano 17, edição 5. 085.



Figura 2: Reginaldo Manente, 1982.

O conceito de foto-ícone, como definido por Maud, como a condensação de um acontecimento histórico, é especialmente útil quando aplicado no futebol e jornalismo esportivo. Em uma sociedade que se tornou cada vez mais imagética, as fotos-ícone se destacam “porque criam princípios comuns para a construção da identidade coletiva na cultura pública liberal-democrática”.⁵⁵

Os sentimentos trazidos pela derrota brasileira no Sarriá eram sintetizados na figura do menino, representando todos os torcedores brasileiros, e a tristeza e a decepção promovidas pela eliminação na Copa do Mundo. Como apontado por Costa, a hermenêutica da derrota inclui

⁵⁵ MAUAD, Ana Maria. *Ibidem*.

sempre elementos fora de campo que são importantes para entender o porquê de o Brasil ter perdido, uma busca comandada pela mídia esportiva sobre os motivos ocultos que levaram a derrota em campo.⁵⁶ Muitas vezes, essa busca acaba na criação de um vilão, seja o técnico ou um jogador – ou ainda alguma questão menos concreta, que possa ser responsabilizado pela derrota em campo.

Outro fator interessante da derrota brasileira em 1982 é a recepção pela imprensa italiana, que comemora a vitória como um jogo chave para a trajetória da Azzura no Mundial, mas exhibe a manchete “Perdonaci, Brasil!”⁵⁷ na capa do periódico *Corriere dello Sport*.⁵⁸ Antes da partida contra a Itália, o Brasil era visto como o favorito para ganhar a Copa do Mundo na Espanha até pela mídia internacional, e o revés surpreendeu até os italianos, que reconhecem a “zebra” que foi sua vitória no Sarriá. Durante os anos 1980 o futebol italiano viveu seu auge no continente europeu, e o jogo contra o Brasil acaba marcado como o momento épico da caminhada italiana até o tricampeonato em 1982, alcançando exatamente a seleção brasileira como país com mais títulos de mundiais.

Voltando à queda brasileira no Sarriá, é interessante notar que a seleção de 1982 não sofreu com a criação de um vilão da derrota. Pelo contrário, a memória construída sobre a geração que defendeu o Brasil em solo espanhol é muito mais positiva do que negativa,⁵⁹ com a tristeza pela eliminação sendo colocada em destaque, no lugar da decepção e da procura de vilões em campo.

Nesse sentido, podemos notar que a seleção de 1982 resgata uma memória socialmente construída do futebol-arte, com os jogadores aparecendo como verdadeiros heróis, representantes da ideia de brasilidade expressa no futebol-arte, apesar de terem perdido o jogo. Essa ideia não pode ser vista como dada, mas sim uma consequência construída por meio das narrativas de mundiais anteriores.⁶⁰ Em contraste, os reveses de 1950 e 1998 podem ser citados como exemplos de derrotas traumáticas da seleção brasileira, nas quais a procura de um culpado pela derrota, Barbosa no caso de 1950 e Ronaldo em 1998, foram bastante marcantes.

⁵⁶ COSTA, Leda. *Ibidem*.

⁵⁷ “Perdoe-nos, Brasil”, em tradução livre

⁵⁸ *Corriere dello Sport*, 06/07/1982.

⁵⁹ AMARO, Fausto. *Copa de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história*. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

⁶⁰ *Ibidem*.

A seleção de 1982 pode ainda ser considerada a última que teve seus craques fazendo carreira no futebol brasileiro. Eles são considerados grandes ídolos não apenas dos clubes por pelos quais passaram, como Sócrates no Corinthians, Zico no Flamengo e Falcão no Internacional, mas são nomes que entram nas listas de melhores jogadores brasileiros – e sem ganhar a Copa do Mundo. Enquanto muitos atletas ficam marcados pela derrota traumática, a geração de 1982, apesar da derrota, carrega uma memória positiva, reforçada pela falta de um vilão eleito.

A reação dos torcedores à derrota foi variada, mas os sentimentos recorrentes vão da tristeza para a decepção. A coluna “Opinião das ruas”, do jornal *O Globo*, trouxe frases de torcedores repercutindo o resultado da partida, a maioria das opiniões se dividindo entre considerar o resultado do jogo injusto, uma vez que o futebol brasileiro apresentado na Copa do Mundo até então era muito superior ao italiano, e ao mesmo tempo reconhecer que erros de jogo do Brasil haviam ajudado a vitória da Itália. Serginho e Telê Santana foram os nomes mais mencionados como possíveis culpados pela derrota, além de um suposto excesso de confiança do time brasileiro.⁶¹

A revista *Placar* cobre a chegada da seleção brasileira ao Brasil após o mundial, destacando o carinho e agradecimento da torcida aos jogadores que retornavam. O título da reportagem de Marcelo Rezende diz: “A Copa foi só um acidente: estamos no caminho certo. A frustração da derrota não abalou uma certeza: ainda temos o melhor futebol. Agora, é erguer a cabeça e jogar para frente. Como sempre jogou o time de Telê”.⁶² O corpo do texto indicava que cerca de duas mil pessoas esperavam no aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro, e a legenda de uma foto que mostra a torcida diz que “(...) parecia que eles tinham conquistado o caneco”.⁶³

Luizinho, em entrevista concedida ao documentário “Futebol-arte”, da FIFA, resume a experiência de 1982 como: “Você ficar na história com a seleção brasileira, no mundo inteiro (...) perdendo, é muito difícil”.⁶⁴ Sócrates, no mesmo documentário, completa: “Talvez a própria tragédia do jogo gerou um elemento a mais para torná-lo inesquecível.”⁶⁵

⁶¹ *O Globo*, 06 de julho de 1982.

⁶² *Placar*. 16 de julho de 1982. Edição 634.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ Futebol-arte: The story of Brazil's 1982 FIFA World Cup team (2022). Richard Horne. FIFA.

⁶⁵ *Ibidem*.

Considerações finais: quarenta anos depois

A memória da seleção brasileira de 1982 volta a se tornar pauta com frequência em momentos de Copa do Mundo, mas destaque ainda maior na data que marcou os quarenta anos da seleção de Telê Santana.⁶⁶ Em constante disputa, a memória coletiva no futebol apresenta um amplo papel da imprensa e da afetividade.

Alguns aspectos podem nos ajudar a entender por que uma seleção que perdeu a Copa é tão querida. Se em 1994 o esquadrão brasileiro que ergueu o tetra em Atlanta foi criticado por ter “perdido a identidade brasileira de jogar futebol” por jogarem em sua maioria no futebol internacional, as equipes que entram em campo pelas próximas Copas são formadas quase que inteiramente por jogadores que atuam em ligas estrangeiras.⁶⁷ O grupo que foi a campo na Espanha, em 1982, pode ser considerado a última geração de jogadores de seleção brasileira que primariamente seguiam carreira no campeonato nacional. Entre o grupo dos titulares, apenas Falcão não jogava no futebol brasileiro à altura da Copa do Mundo, já tendo se transferido para a Roma. A transformação do Brasil em um país exportador de jogadores levou as principais promessas e jogadores brasileiros a fazerem carreira quase inteiramente fora do país, que se acelera nos anos 1980, acaba contribuindo para aumentar a distância entre a seleção e a torcida brasileira – o que pode ser percebido, por exemplo, na recepção à vitória na Copa do Mundo de 1994. Apesar do triunfo, Amaro indica que é a seleção vitoriosa “menos querida”, frequentemente sendo alvo de críticas por não apresentar o que consideram futebol-arte brasileiro.⁶⁸

Do ponto de vista acadêmico, Bernardo Buarque de Hollanda apresentou um breve resumo da produção acadêmica e jornalística sobre a seleção brasileira de 1982. A cada nova década, surgem novas produções analisando diferentes aspectos da derrota brasileira no Sarriá, em diferentes áreas das ciências humanas: da história a comunicação.⁶⁹

Nos quarenta anos da seleção brasileira de 1982, pelo menos dois lançamentos literários merecem destaque. O primeiro é o livro “82: uma Copa para sempre”, dos jornalistas Celso

⁶⁶ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A Copa de 1982 entre o jornalismo, o memorialismo e a produção acadêmica. **Ludopédio**, São Paulo, v. 169, n. 13, 2023.

⁶⁷ AMARO, Fausto. Copa de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A Copa de 1982 entre o jornalismo, o memorialismo e a produção acadêmica. **Ludopédio**, São Paulo, v. 169, n. 13, 2023.

Unzelte e Gustavo Longhi de Carvalho. O objetivo da obra é ser um “inventário completo da Copa do Mundo disputada na Espanha em 1982. Com ênfase nas seleções do Brasil (que encantou o planeta jogando um belo futebol) e da Itália (que afinal ficou com o título)”.⁷⁰

Do outro lado, “*Anatomia do Sarriá*”, do jornalista Pietro Trellini, traz a perspectiva italiana da partida. O autor afirma dividir os italianos entre quem assistiu à Copa da Espanha e quem nasceu depois, além de que a Itália “ao vencer o Brasil, não só o impediu de conquistar o quarto título, mas dobrou em ângulo reto a história do futebol, dia em diante perdeu em leveza, mas ganhou em empenho. O desfecho desse embate significou, de fato, a morte daquele futebol brasileiro e o renascimento do futebol italiano que conseguiu se livrar de décadas de “retranca e contra-ataque””.⁷¹

Na televisão, a emissora Globo produziu uma série chamada “A Copa que eu vi”, sobre a experiência de figuras da TV como torcedores em mundiais, e a Copa de 1982 não ficou de fora. O ator Eduardo Moscovis participou do quadro, lembrando sua torcida para o Brasil em 1982, quando tinha catorze anos: “As pessoas estavam encantadas com essa seleção. Tem muito jogador que fala até hoje que foi o melhor time que apareceu, que jogou”.⁷² Sobre a derrota, o ator fala: “Paolo Rossi, esse foi um nome que não podíamos ouvir por muito tempo, estragava o almoço. (...) A gente estava muito embriagado pelo clima da Copa, da seleção, da maneira como eles jogavam.” Ele destaca o silêncio após a derrota, a falta de xingamentos pelo resultado.

Mais recentemente, o técnico interino da seleção brasileira, Fernando Diniz, mencionou a seleção de 1982 como uma das suas inspirações como treinador. Diniz, quando perguntado sobre seu conceito de futebol, fala que:

“Futebol tem o poder de comover, de mudar vidas. Não colocando a razão de lado, mas como acho que a vida é mais arte que ciência, futebol também conseguimos fazer que as coisas aconteçam como a seleção de 1982 fez. Foi um time que encantou mesmo sem ganhar. Passou por uma injustiça muito grande, o futebol e as pessoas não podem ser resumidas a uma bola que entra, uma Copa que ganha. Ela

⁷⁰ UNZELTE, Celso; CARVALHO, Gustavo Longhi de. **82: uma Copa para sempre**. São Paulo. Letras do Brasil. 2022.

⁷¹ TRELINI, Piero. **Anatomia do Sarriá**: Brasil x Itália, 1982. Campinas: Grande Área, 2022

⁷² **A Copa que eu vi**: Eduardo Moscovis lembra a Copa do Mundo de 1982 - 18/09/2022. Acesso em 28/11/2023. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10946425/>.

marcou, despertou o desejo de muita gente de querer ser jogador e gostar de futebol. Por isso, cumpriu muito bem o seu papel.”⁷³

Os jogadores que participaram do mundial pelo Brasil em 1982 também com frequência em entrevistas e vídeos. Inclusive o atleta Falcão chegou a escrever e publicar um livro sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982, intitulado “*Brasil 82: o time que perdeu a Copa e conquistou o mundo*”⁷⁴, no qual entrevista diversos jogadores que fizeram parte do time de 1982, com a mesma pergunta de “por que o Brasil perdeu?”. O livro conta com depoimentos de jogadores como Zico, Éder, Júnior, Oscar, entre outros, além de uma introdução escrita por Paolo Rossi.

A título de considerações finais, faz-se necessário destacar que com o crescimento não só do campo dos estudos sobre esporte, mas também da historiografia sobre a década de 1980 e a transição política brasileira, a seleção de 1982 e seu impacto na memória social do futebol se torna um tema de destaque. A “seleção da abertura” se configura no espaço temporal entre as discussões do uso político do futebol pela ditadura, em especial na década de 1970 – e no meio do caminho, a memória de uma derrota querida.⁷⁵

⁷³ TRASKINI, Eder; Lucas Musetti Perazolli. “Diniz diz preferir arte à ciência e indica seleção de 82 como referência”. UOL, 2023. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/09/09/diniz-diz-preferir-arte-a-ciencia-e-indica-selecao-de-82-como-referencia.htm>.

⁷⁴ FALCÃO, Paulo Roberto. **Brasil 82: o time que perdeu a Copa e conquistou o mundo**. Porto Alegre: Age Editora, 2012.

⁷⁵ ROCHA, Max Filipe Nigro. **Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984)**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, 2013.

Referências

- AGUIAR, Leonel Azevedo de; PROCHNIK, Luisa. Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo. **Logos33. Comunicação e Esporte**. v. 17. n.02, 2º semestre 2010
- ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol. **Anuário Antropológico**. Brasília, v. 30, n. 1, p. 149–168, 2004.
- AMARO, Fausto. Copa de 1994: os múltiplos discursos autorizados sobre a seleção campeã menos amada da história. HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro do (Orgs.) **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- CANCELLI, Elizabeth. "Brazil: transition and reconciliation policies as a cold war strategy" **Revista de História**; São Paulo, 2021.
- COSTA, Leda. Hermenêutica da derrota. Imprensa esportiva e seleção brasileira nas Copas do Mundo. **NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade**. 2010.
- COSTA, Leda. Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa. *Tríade: comunicação, cultura e mídia*. 2014.
- COSTA, Leda; “1982: lágrimas de uma geração de ouro”, In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. (Orgs). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 314 p.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- FALCÃO, Paulo Roberto. **Brasil 82: o time que perdeu a Copa e conquistou o mundo**. Porto Alegre: Age Editora, 2012.
- FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: Ludopédio, 2021.
- Guedes, Simoni Lahud. "O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história." **XXIII Reunião Brasileira de Antropologia**. Gramado, Associação Brasileira de Antropologia, 2002 (2002).

- GUEDES, S.; SILVA, E. M. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, v. Vol. 3, p. 73–89, 2019.
- GUEDES, Simoni Lahub. A dádiva e os diálogos identitários através das Copas do Mundo no Brasil. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Orgs.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A Copa de 1982 entre o jornalismo, o memorialismo e a produção acadêmica. **Ludopédio**, São Paulo, v. 169, n. 13, 2023.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. "“La quinta perla a su collar de glorias”": nacionalismo e memória na conquista do Mundialito." **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)** fev, 2019, p. 52-67.
- MASSARANI, Diano. “Arte e tragédia: representações sobre a seleção brasileira de 1982 em livros do século XXI”. **Revista FuLiA**. Belo Horizonte: UFMG, v. 3, n. 2, 2018, p. 1-25.
- MAUAD, Ana Maria. COMO NASCEM AS IMAGENS? UM ESTUDO DE HISTÓRIA VISUAL. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, 2014.
- MOSTARO, Filipe. **Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da "nossa essência futebolística"**. Editora Prismas, 2017.
- NADEL, J. La Nuestra y futebol-arte In: **Fútbol: Why Soccer Matters in Latin America**. University Press of Florida. 2014. 1-300.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares." Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História** 10 (1993).
- QUADRAT, Samantha V. (Org). Introdução. **Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.
- ROCHA, Max Filipe Nigro. **Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984)**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História Social, 2013.
- SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da Nação Canarinho: uma história da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro, Editora FGV. 2013.
- SILVA, A.R. . Ultraje à bandeira e a lógica punitiva na ditadura militar em processos criminais no site Brasil: Nunca Mais Digital. **Aedos**, v. 13, n. 30, p. 199-216, jan.–jun., 2022.
- TRELLINI, Piero. **Anatomia do Sarriá: Brasil x Itália, 1982**. Campinas: Grande Área, 2022.



UNZELTE, Celso; CARVALHO, Gustavo Longhi de. **82: uma Copa para sempre**. São Paulo. Letras do Brasil. 2022.